



## Luiz Henrique Rosa

Os 70 anos de nascimento do músico catarinense de maior destaque no cenário internacional

## Werner Zotz

As múltiplas experiências da trajetória incomum do escritor mais vendido de Santa Catarina

## Romance do ano

Resenha literária discute poética de *O Filho Eterno*, de Cristovão Tezza, invicto nos principais prêmios

## Clássico sem fronteiras

Cem anos após sua morte, Machado de Assis consolida o pioneirismo com estréia da obra completa no universo virtual

# Em cores

A partir desta edição, O Catarina surge completamente re-paginado. A primeira transformação está no nome, agora sem circunflexo e exclamação, atento às modificações do design, mais contemporâneo, e do conteúdo, ansioso por extrapolar o âmbito local. O colorido das páginas, atributo inédito no jornal da Fundação Catarinense de Cultura, comemora a nova fase, assinalando as múltiplas possibilidades de uma cobertura da cultura local empenhada em preservar o tempero da agenda dos grandes centros. Algumas seções serão fixas daqui para frente; basta esperar o próximo número e conferir, nas mesmas páginas, as resenhas, literária e de arte, o perfil, a exposição de fotos e a apresentação de contos inéditos, além da contracapa, com a *Semiótica Curatorial*. O projeto editorial luta agora por outro panorama, investindo em matérias de conteúdo, capazes de despertar interesse local ao mesmo tempo em que se aproximam da vida cultural do país.

Para comemorar a estréia, O Catarina valoriza duas efemérides fundamentais para a compreensão do nosso novo projeto. A primeira matéria, de Emerson Gasperin, jornalista de extenso currículo na cena musical brasileira, repassa a carreira de Luiz Henrique Rosa, músico catarinense de renome no exterior, que completaria 70 anos em 2008. Na outra reportagem, Raquel Wandelli debruça-se sobre Machado de Assis e o seu centenário de morte, trazendo à tona pela primeira vez os detalhes e a dimensão de um projeto pioneiro do Nupill, laboratório da UFSC: nada menos do que a disponibilização virtual de toda a obra do escritor brasileiro. Dando continuidade à série de perfis literários, Jade Martins Lenhart, agora também editora assistente do jornal, revela histórias quase desconhecidas da trajetória do escritor catarinense Werner Zotz, com mais de um milhão de livros infantis vendidos, além de inúmeros relatos de viagem e aventuras. A pauta segue com a resenha de André Cechinel para O filho eterno, de Cristovão Tezza, que venceu o prêmio Jabuti de melhor romance enquanto o jornal ainda estava no forno. Na crítica de arte, a presença marcante da obra de Rodrigo Cunha, analisada pela professora Anita Koneski. Para encerrar esta reestréia, um conto inédito de Júlio de Queiroz, titular da Cadeira 10 da Academia Catarinense de Letras, e a explosão de tonalidades e texturas das fotografias de Pedro Alípio, em viagem espiritual pela Índia, coroando nossa primeira edição a cores. ■

## acontece

Santa Catarina foi escolhida pelo Ministério da Cultura para implantar, ao lado do Maranhão, um projeto-piloto para criação de um **Sistema de Informações Culturais** para ser utilizado em todo o Brasil. A presidente da FCC, Anita Pires, esteve em Brasília no início de outubro para auxiliar na definição das estratégias do mapeamento cultural. O objetivo do encontro foi iniciar a estruturação de um Sistema de Informações Culturais capaz de fornecer uma visão adequada da economia da cultura brasileira e dos impactos das políticas públicas, além de mapear o patrimônio cultural nacional e cadastrar profissionais e organizações da cadeia produtiva cultural do país. Santa Catarina servirá como “piloto” neste processo, resultado de negociação iniciada há alguns meses, quando Anita recebeu, na FCC, o secretário de políticas culturais da MinC, Alfredo Manevy, e ofereceu o Estado para estar à frente do mapeamento.

Criado pela Fundação Catarinense de Cultura, o **Prêmio Cruz e Sousa** dá partida à edição 2008-2009, recebendo inscrições até março do próximo ano. A edição destina-se a romances inéditos, escritos em língua portuguesa por brasileiros, residentes no país ou no exterior, em duas categorias de premiação – Nacional e Catarinense. Está prevista a premiação de seis concorrentes, sendo que serão distribuídos R\$ 50.000,00 para o primeiro lugar, R\$ 20.000,00 para o segundo e R\$ 10.000,00 para o terceiro, mantendo os mesmos valores no âmbito local e nacional. Além do prêmio em dinheiro, cada autor terá sua obra publicada pela FCC, dona dos direitos autorais da primeira edição. Em outros anos, já foram contemplados os autores Jaime Ambrósio, de Santa Catarina, e Miguel Sanches Neto, do Paraná. O concurso retornou após seis anos de ausência, e deve ser realizado bianualmente, alternando gêneros como conto, poesia e romance. Com tradição de selecionar jurados de renome nacional, o Prêmio Cruz e Sousa já contou com a avaliação de críticos e escritores como Carlos Heitor Cony, Flora Sussekind e Ítalo Moriconi. Mais informações sobre datas e entrega do material, bem como o edital, estão no site [www.fcc.sc.gov.br](http://www.fcc.sc.gov.br).

Com o objetivo de estimular a produção, circulação, pesquisa, formação, preservação e difusão cultural em Santa Catarina, o **Prêmio Elisabete Anderle de Estimulo à Cultura** pretende contribuir para o desenvolvimento de sete grandes áreas: Artes Populares, Artes Visuais, Letras, Música, Dança, Patrimônio Cultural e Teatro. O Edital, recém-lançado pelo Governo do Estado, contempla um investimento total de R\$ 6.800.000,00. As inscrições, gratuitas, estarão abertas entre 26 de outubro e 12 de dezembro de 2008. Os requisitos e as explicações de cada uma das áreas, bem como suas competências exclusivas, estão disponíveis no site [www.fcc.sc.gov.br](http://www.fcc.sc.gov.br).

Promovido pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), o **10º Salão Nacional Victor Meirelles** tem como objetivo incentivar a produção atual das artes plásticas no Brasil e torná-la acessível ao público. Ao todo, o Governo do Estado distribuirá R\$ 220 mil em prêmios: dos 29 trabalhos selecionados, cada um receberá o Prêmio Participação, no valor de R\$ 5 mil. Também a título de premiação, serão realizadas quatro aquisições para o acervo do Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), no valor de R\$ 25 mil para o primeiro colocado, e R\$ 15 mil para os segundo, terceiro e quarto colocados. Criado em 1993, o Salão inicialmente tinha abrangência estadual, e assim se manteve até 1997, quando passou a ter âmbito nacional. Nesta edição, as obras selecionadas estarão abertas a visitação entre os dias 4 de novembro e 4 de janeiro de 2009.

## expediente



GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA | Luiz Henrique da Silveira  
VICE-GOVERNADOR | Leonel Pavan  
SECRETÁRIO DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE | Gilmar Knaesel



PRESIDENTE | Anita Pires  
DIRETOR ADMINISTRATIVO | Armando Costa  
DIRETORA DE DIFUSÃO ARTÍSTICA | Mary Garcia  
DIRETORA DE PATRIMÔNIO CULTURAL | Simone Harger  
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO | Deluana Buss  
CONSULTOR DE PROJETOS ESPECIAIS | Ray Borges Martins  
CONSULTORA JURÍDICA | Juliana Caon  
GERENTE DE ADMINISTRAÇÃO, FINANÇAS E CONTABILIDADE | Nelson Leal  
GERENTE OPERACIONAL | Domingos Guedin  
GERENTE DE LOGÍSTICA E EVENTOS | Soraya Fóes Bianchini

GERENTE DE PATRIMÔNIO | Karla Fonseca  
GERENTE DE PESQUISA E TOMBAMENTO | Halley Filipouski  
ADMINISTRADORA DO CENTRO INTEGRADO DE CULTURA | Iara R. da Silva  
ADMINISTRADORA DO TEATRO ADEMIR ROSA | Margaret Westphal  
ADMINISTRADORA DO MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA | Ronaldo Linhares  
ADMINISTRADORA DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM | Denise Thomasi  
ADMINISTRADORA DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA | Élia Mara Magalhães Brites  
ADMINISTRADORA DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA | Susana Simon  
ADMINISTRADORA DO TEATRO ÁLVARO DE CARVALHO | Márcia Dutra Boos  
ADMINISTRADORA DA CASA DA ALFÂNDEGA | Lucília Polli

ADMINISTRADORA DA CASA DE CAMPO DO GOVERNADOR HERCÍLIO LUZ | Marilóide da Silva  
ADMINISTRADOR DA CASA DOS AÇORES MUSEU ETNOGRÁFICO | José Neves  
ADMINISTRADORA DO MUSEU NACIONAL DO MAR | Ana Coutinho  
SECRETÁRIA EXECUTIVA DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA | Marita Balbi



EDITORIA | Deluana Buss (JP/SC 01009)  
EDITORIA ASSISTENTE | Jade Martins Lenhart  
COORDENADORA | Mary Garcia  
CONSELHO EDITORIAL | Jayro Schmidt, João Evangelista, Mary Garcia, Jade Martins Lenhart, Péricles Prade e Onor Filomeno

PLANEJAMENTO GRÁFICO E ARTE | Ayrton Cruz  
IMPRESSÃO | Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (Ioesc)  
TIRAGEM | 10 mil exemplares  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA  
PUBLICAÇÃO DA FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA



apoio |  
FUNDCULTURAL | Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte  
[www.sol.sc.gov.br](http://www.sol.sc.gov.br)  
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA  
Av. Governador Irineu Bornhausen, 5.600 – Agrônômica – CEP 88025-202 – Florianópolis – Santa Catarina  
E-MAIL | [ocatarina@fcc.sc.gov.br](mailto:ocatarina@fcc.sc.gov.br)  
FONE | (48) 3953-2383  
SITE | [www.fcc.sc.gov.br](http://www.fcc.sc.gov.br)



# O desconforto das tintas

PINTURA DE RODRIGO CUNHA DESVENDA A SOLIDÃO DA MODERNIDADE

“Ser obra quer dizer:  
instalar um mundo.”  
Heidegger

Anita Koneski

O mundo é o lugar em que estamos submetidos, onde decidimos nossas vidas. Porém, o universo aberto pela obra do artista é um universo original, próprio da obra de arte; não uma representação puramente mimética do que está dado, mas um mundo “instalado” pela obra de arte. As pinturas do catarinense Rodrigo Cunha nos dizem que o mundo é muito mais que o meramente dado. Afirmam que há um universo que se põe como invisibilidade de toda visibilidade dada ou, digamos, há uma pintura a ser indagada.

Instalar um mundo é o que faz a pintura de Rodrigo Cunha. Seus personagens são homens ou mulheres envolvidos no denso da existência humana, a solidão. Tudo ali nos convida à reflexão. Na sua pintura, os grandes espaços vazios, a figura solitária que nos olha com um olhar distante, quase se esquivando de nosso convite ao diálogo, e os objetos solitários nas mesas, marcando usos supérfluos, induzem-nos a pensar na figura do *flâneur* de Baudelaire. Para não sucumbir ao tumulto moderno, o *flâneur* ensaia um tempo “outro”. Ele perambula

solitário entre a multidão pelos *bulevares* parisienses. Seu desejo é permanecer ausente. E, a passos lentos, executa uma vivência de multidão “outra”. Através de um distanciamento providencial, experimenta uma proximidade com o outro elaborada na distância, protege-se. Seu tempo é uma espécie de “tempo sem tempo”. O *flâneur* caminha à deriva, sua caminhada se constrói a cada passo. Fixa ali um tempo infinito que não pode ser medido pelo relógio.

O tempo do *flâneur* me parece ser o tempo dos personagens de Rodrigo Cunha. Estão simplesmente ali, sem nada para fazer, sem nada para falar, a distância. Sempre com um olhar fixo em nós, porém, relatam, sarcasticamente, o vazio essencial que ronda nossas vidas. Protegem-se. Temos a sensação de que, num dado momento, poderemos ser surpreendidos por um grito qualquer, ou seja, permanecemos na expectativa do transbordamento da ansiedade. Esta tensão de espera, sem se saber o motivo, instalada nas pinturas do artista, infunde às obras uma sensação de que algo ali está sempre à beira da catástrofe. A insegurança e o estado de “pôr-se a espera de algo” que tais obras nos inferem corroboram para que a arte de Rodrigo Cunha se insira em um espaço extremamente contemporâneo. Não é uma pintura clássica, nem se pretende

a tal. Apresentando traços e contornos de um realismo moderno, suas figuras se fazem nos gestos das mãos, na maneira pela qual descansam os pés, no olhar que se perde, na composição em diagonal e nos amplos espaços de cor completamente vazios.

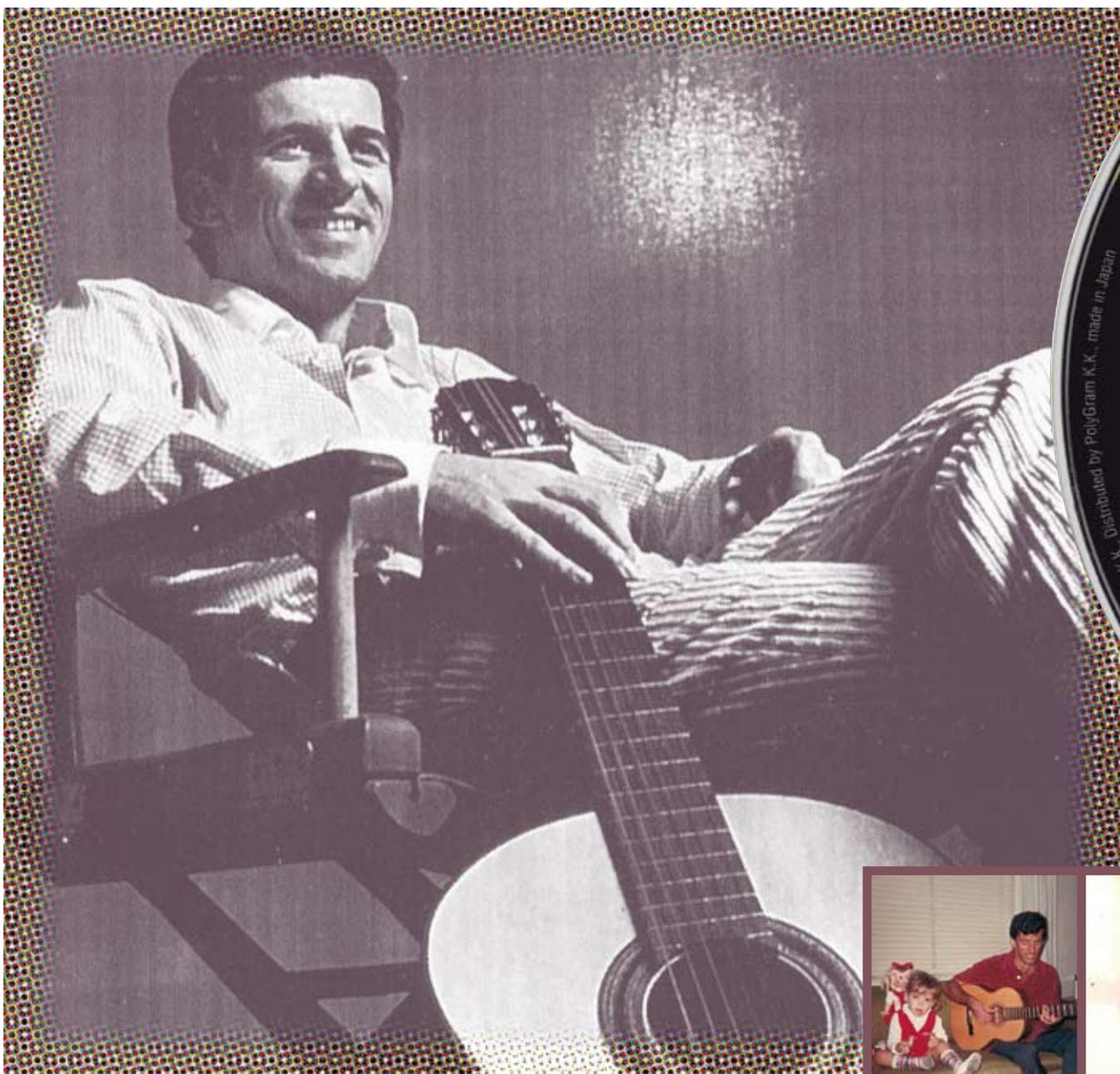
Os personagens de Rodrigo denotam uma total ausência de conforto existencial. Preservam seu espaço. São guardiões da solidão infinita. Olham o mundo, mas se distanciam dele. Como o *flâneur*, desenvolvem uma experiência visual e não corporal com o mundo. Talvez possamos nos identificar com eles quando recordamos, não poucas vezes, sentindo-nos tais como eles, ensimesmados num mundo de medos, angústias e solidão. Os personagens de Rodrigo Cunha afirmam que somos os “homens ociosos” denunciados pelo poeta T.S. Eliot — arrancam-nos de nossa relação com o mundo. Há nestas obras a reprodução de um espaço intangível, que é de outra ordem. O convite que ela realiza ao olhar não é um convite tranquilo, não é para o deleite, mas para o questionamento. Ela não se propõe gerar conforto, mas desconforto. Ou seja, não há ali passividade, mas mistério que torna impossível qualquer “depois”. Não há nada mais a esperar. O que se instala arrebatada qualquer esperança.

Talvez o leitor acuse-me de realizar uma leitura “desesperançada” das

pinturas de Rodrigo. Porém, é nessa “desesperança” que afirmo a fecundidade da obra do artista. Convido-os a uma mudança de hábito, a vislumbrar na obra de arte não unicamente o deleite. A obra de arte contemporânea, ao criar campos de questionamentos, ao problematizar nossa visão de mundo, força-nos a reflexões pelas vias criadas pela própria obra, inteiramente originais. O mundo instalado propõe o direcionamento do nosso olhar para o entorno, muito mais problematização do que leveza.

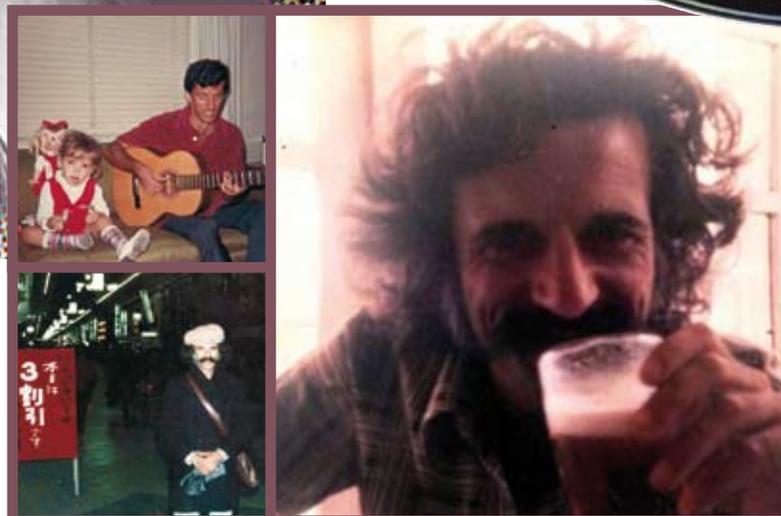
O “mundo” que as obras de Rodrigo Cunha instala possivelmente denuncia essa total obsessão com a segurança com que o homem contemporâneo não suporta mais conviver. A modernidade se organizou todo o tempo em torno da infindável busca da proteção. As descobertas científicas e as invenções tecnológicas foram as responsáveis pela esperança de uma segurança total, uma vida livre do medo. Em suas pinturas, Rodrigo denuncia esta ilusão moderna, assinalando a incapacidade inerente de construirmos um mundo confiável diante de nossas próprias conquistas. ■

texto | anita koneski  
é professora do Centro de Artes, Ceart/Udesc, e doutora em Teoria Literária.  
fotos | gill konell



COM CARREIRA INTERNACIONAL RECONHECIDA, MÚSICO CATARINENSE PARTIU QUASE NO ANONIMATO

## Luiz Henrique, 70



### Emerson Gasperin

Sua obra não consta dos inúmeros shows, exposições e produtos alusivos ao cinquentenário da bossa nova, estilo ao qual é freqüentemente associada. Seus discos nunca foram relançados em edição nacional. Seu nome aparece uma única vez no livro *Chega de Saudade*, a história definitiva do gênero escrita por Ruy Castro. Às vésperas dos 70 anos de seu nascimento, Luiz Henrique Rosa — ou só Luiz Henrique, como assinava — permanece um virtual desconhecido no Brasil.

Já foi pior. Iniciativas como o documentário *Luiz Henrique — No Balanço do Mar* (2007) da cineasta Ieda Back, e o disco-tributo *A Bossa Sempre Moderna de Luiz Henrique* (2003), idealizado por uma agência de publicidade com a participação de Ivan Lins, Elza Soares, Luiz Melodia e Martinho da Vila, entre outros, reavivaram o interesse pela sua música

— em Florianópolis e olhe lá. Não vai aí nenhuma crítica, apenas uma constatação: o cantor e compositor catarinense conquistou mais do que esperava no exterior e menos do que poderia no país.

Os rumos de sua carreira ajudam a explicar essa aparente contradição. Prestes a gravar um segundo LP no Rio e se consolidar entre os talentos da jovem música urbana que surgia, ele preferiu seguir para os Estados Unidos. Quando estava integrado à paisagem musical nova-iorquina, com uma penca de realizações profissionais no currículo, voltou. Apesar das oportunidades para se fixar no Sudeste, aterrissou na provinciana capital de Santa Catarina. Se a decisão desafiava a lógica e equivalia ao suicídio comercial, Luiz Henrique iria se reinventar. Longe da bossa nova.

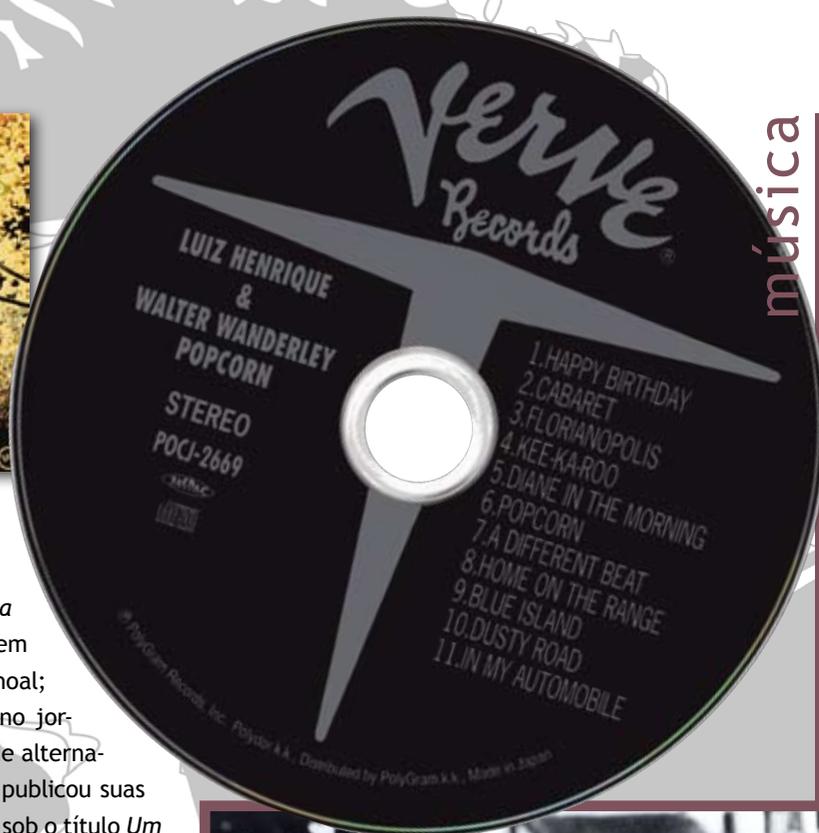
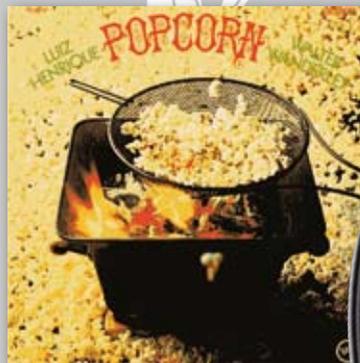
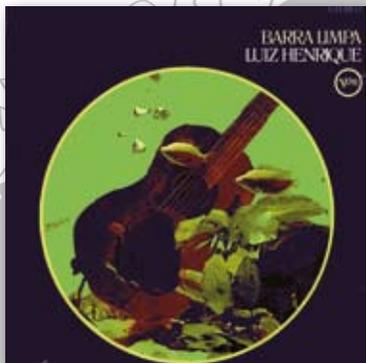
Mas perto de sua gente. Nem que para isso precisasse começar de novo na cidade que motivou sua mudança, aos

11 anos — e alvo de irremediável paixão desde então. Nascido em Tubarão e criado em Lages e em São José, o moleque descobriu no mar e nas garotas o estímulo que precisava para deslanchar no violão. Adolescente, passou a animar festas e clubes com suas seis cordas. No final da década de 1950, entrou na rádio Diário da Manhã, onde aprimorou sua arte com craques (e alguns de seus futuros parceiros) como o poeta Zininho e o pianista Aldo Gonzaga.

Em 1959, comandava um programa ao vivo na emissora, interpretando suas composições e sucessos da música norte-americana. No mesmo ano, saiu o LP *Chega de Saudade*, de João Gilberto. A “batida diferente” do baiano de fala suave arrebatou Luiz Henrique. Após excursionar pela região Sul a bordo do conjunto do maestro gaúcho Norberto Bendauf ao longo de 1960, resolveu ariscar — logo no reduto da bossa nova.

No Rio, tocou nos night clubs do célebre Beco das Garrafas, e, em 1961, estreou com um compacto editado pela Philips contendo duas faixas próprias, *Garota da Rua da Praia* e *Se Amor É Isto* (esta última, com o catarinense Zininho, de *Rancho de Amor à Ilha*).

Em 1963, a gravadora lançou seu primeiro disco, *A Bossa Moderna de Luiz Henrique* (com o piano de Gonzaga), que emplacou as canções *Vou Andar por Ai* (de Newton Chaves), *Sambou, Sambou* (de João Mello e João Donato) e *No Balanço do Mar* (de Zil Rozendo) nas paradas. Em paralelo, protagonizou uma extensa temporada com Nara Leão no paulistano João Sebastião Bar, cuja clientela compunha-se de músicos, intelectuais, atores e badalados em geral. Tudo sugeria que o catarina cavaria seu espaço no rol dos nomes com os quais se habituara a cruzar em Copacabana, como Tom Jobim, Elis Regina, Jorge Ben ou Carlos Lyra. ▶



Moreira, com os gringos Stan Getz, Ron Carter e Chick Corea, e teve suas músicas gravadas por Harry Belafonte, Liza Minelli e Bobby Hackett.

Pouco desse currículo foi considerado em seu retorno. Luiz Henrique estabeleceu-se em Florianópolis – desta vez, para sempre – disposto a desencaixar as raízes do autêntico manezinho da ilha e a fundar uma gravadora. Em meados dos anos 1970, concebeu o show *Bananeira Chorá, Chorá*, aproveitando-se de cantigas folclóricas do boi-de-mamão. Para atender uma outra vontade, montou seu selo independente no bairro Itaguaçu, depois transferido para uma casa com vista para o mar na praia do Sonho, em Palhoça.

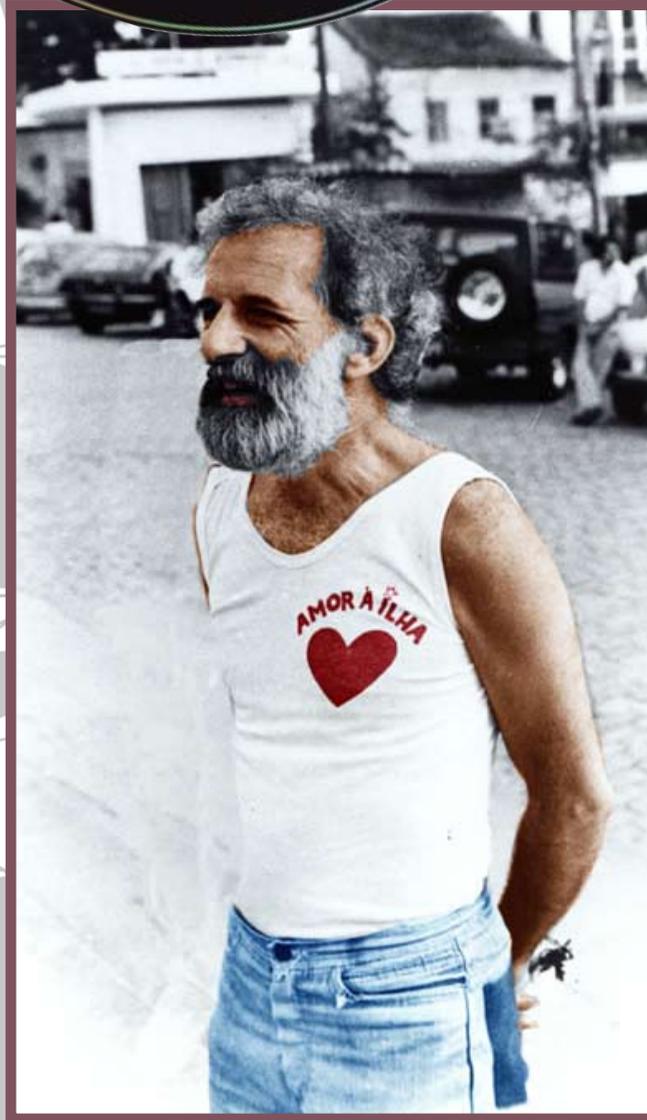
Pela Itagra (daí a denominação), lançou *Mestiço*, um LP com padrão muito superior às produções locais de 1975. Das sete faixas, *Jandira*, *Sonhar* (ambas dividindo a autoria com Raul Caldas Filho), *Pra Não Deixar de Sambar*, *Sempre Amor* e a música-título foram gravadas no estúdio carioca Haway, com uma banda que incluía instrumentistas do quilate do arranjador e saxofonista J.T. Meirelles, do pianista Tenório Jr. e do baterista Edson Machado. As restantes, *Saiandeira* e *Dianne*, ganharam forma no Sound City, em Los Angeles, durante estada com Liza Minelli. A amiga retribuiria a visita passando o Carnaval na Ilha em 1979.

A despeito de tanto esmero, a distribuição precária comprometeu o desempenho do disco, marcando o final da carreira fonográfica de Luiz Henrique. Azar do mercado, porque ele continuaria registrando sua música em fitas caseiras ou à frente do programa *Estamos Ai*, exibido em 1978 na TV Cultura da Capital.

Dedicou-se ainda à produção de espetáculos, como a *Sinfonia de Santa Catarina*, concretizada em 1984 com Hermeto Paschoal; à coluna que mantinha no jornal *O Estado* e ao tablóide alternativo *Galera da Ilha*, que publicou suas aventuras no estrangeiro sob o título *Um Catarina na Broadway*.

Ex-sócio e contumaz freqüentador de bares, Luiz Henrique sossegou na gerência do recém-inaugurado Armazém Vieira em 1985. Ali, o marido de Patrícia e pai de Raulino e Manuel recepcionava os boêmios, promovia noitadas históricas e, claro, dedilhava seu violão. Para celebrar os 25 anos de carreira, planejava reunir suas principais composições em um álbum duplo. Só não contava com a Kombi que, dirigida por um motorista embriagado, bateria violentamente em sua Variant na saída do serviço.

Na madrugada do dia 9 de julho, uma terça-feira, morria o catarinense que mais longe levou a música do Estado, deixando inédita a maioria do material composto nos últimos dez anos. De lá para cá, talvez o maior reconhecimento que recebeu tenha vindo do outro lado do mundo – e, ironicamente, por meio do estilo que abandonou. Em 1998, para comemorar os 40 anos da bossa nova, a subsidiária japonesa da Verve, gravadora responsável por seus discos no exterior, relançou em CD as obras-primas do gênero que detinha em catálogo. Entre elas, *Barra Limpa* e *Popcorn*. Mais recentemente, a memória do artista ganhou um site oficial ([www.luizhenrique.org](http://www.luizhenrique.org)), com biografia, fotos e discografia. A página de projetos, no entanto, está em branco. ■



texto | emerson gasperin é jornalista.  
fotos | divulgação e arquivo da família

O convite do saxofonista norte-americano Paul Winter para acompanhá-lo nos Estados Unidos abortou as negociações para um segundo disco, já programado pelo produtor Armando Pitigliani. A reboque da consagração da bossa nova naquele país, embarcou para Nova York com uma passagem de ida e volta pela Varig, 50 dólares (emprestados) no bolso, um violão na mão, uma promessa de 500 dólares do Itamarati e um vocabulário em inglês restrito à frase “I love you”. Entre idas e vindas, acabou ficando lá até 1971.

Nesse período, construiu uma discografia respeitável, seja solo (*Barra Limpa*, 1967) ou dividindo os créditos com o tecladista paulista Walter Wanderley (*Popcorn*, 1967) e com o cantor e compositor Oscar Brown Jr. (*Finding a New Friend*, 1968). Em parceria com o artista de Chicago, escreveu o musical *Joy*, indicado ao prêmio Tony (o “Oscar do teatro”). Trabalhou ainda com os conterrâneos Sivuca (com quem dividiu um quarto de hotel na Times Square), Hermeto Paschoal e Airto





## Das trilhas às letras

### Jade Martins Lenhart

Escritores profissionais costumam se debater numa dúvida ancestral: aproveitar a vida até o limite do tolerável, buscando na própria experiência munção para a composição das obras, ou recusar qualquer intimidade com o barulhento mundo exterior, oferecendo o melhor da atenção às laudas exigentes. Scott Fitzgerald escreveu sobre os loucos anos que viveu, e morreu alcoólatra como seus mais tristes personagens. Ernest Hemingway especializou-se em perverter a trajetória de suas criaturas, em trincheiras de guerra ou entretido com peixes ferozes. William Faulkner, ao contrário, alimentava a reclusão para dar conta do impressionante e mítico sul americano, dilacerado como ele próprio não era. Autor de inúmeros relatos de aventura, e escritor premiado de literatura infanto-juvenil, com vendagem acima de um milhão de exemplares, o catarinense Werner Zotz jamais se entregou à dúvida: “Viver é, sem dúvida, muito mais importante do que escrever.”

#

De fato, a conta parece superfaturada. Aos 62 anos, Werner Zotz já foi publicitário, editor, escritor, jornalista, militante político, professor, secretário de Estado, marinheiro, empresário e coordenador de campanha política. Morou em república, apartamento, casa e até barco – hoje, Bom Abrigo, na região continental de Florianópolis, é o seu bairro. Habitou pequenas cidades povoadas de chalés e metrópoles cheias

de caprichos: Joinville, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Goiás, Tocantins. Ainda falta a Polinésia, garante, ou um barco no meio da Amazônia. Conhece todos os estados brasileiros, e já viajou de carro, avião, barco e a cavalo. Gosta mesmo é de invadir estradas, sem destino, sem pressão. Completou dois anos num barco, navegando na costa brasileira e sobrevivendo à base de macarrão. Escreveu sete livros infantis, três relatos de viagens, quatro adaptações de clássicos, uma obra de educação e incontáveis guias sob encomenda – além de quatro títulos, especiais, que faz questão de ignorar. Como escritor, ganhou mais de uma dezena de prêmios, entre eles Fernando Chinaglia, Monteiro Lobato, Câmara Brasileira do Livro e Associação Paulista de Críticos de Arte. Ganhou duas vezes o Prêmio da Feira de Bolonha e recebeu o selo *altamente recomendável para jovens*. A vivência diversificada transformou o autor num contador de histórias, disposição confirmada em *Histórias de Aprendiz*, compilação recente de narrativas curtas sobre a saborosa arte da vida. Afinal, “a gente só leva o que viveu”.

#

A posição afirmativa tem raízes na infância. Nascido em Indaial, e criado em Rio Negrinho, íntimo dos matos tal seu premiado curumim, cedo virou coiroinha. Não tanto pela fé: o gosto pela aventura sugeriu que aproveitasse as andanças religiosas para desbravar os arredores. Durante todo o tempo de altar, conheceu as doze capelas vizinhas,

sempre sobre o chacoalhar da charrete do padre. Dormia em ginásios, descobria novidades. Aos doze anos, deu continuidade à peregrinação juvenil, com a cumplicidade de Danilo e Odilon, amigos da escola. Atento à literatura de aventura, desafiou-os a descer pelo Rio Negrinho até a cidade de União da Vitória, distante 250 quilômetros. A aventura durou 30 dias, o tempo exato das férias de verão. A travessia foi feita num barco abandonado, restaurado pelo menino tempos antes. “Sempre inventador”, abateu animais para garantir o sustento, seu e dos colegas, com tiros disparados da própria espingarda. Detalhe: Werner comprou a arma aos onze anos, com uns trocados ganhos com coletas de areia realizadas com o barco. Voltou para casa de trem, com bilhetes adquiridos da venda da embarcação, negociada em Porto União. Danilo aposentou-se pelo Banco do Brasil, Odilon continua um roqueiro em atividade, e Werner segue nas aventuras, com o mesmo viço da expedição de estréia.

#

A avalanche de acontecimentos começou a apontar para outras direções quando desembarcou em Antonina, cidade do litoral paranaense, decidido a estrear um período sabático. A idéia era descansar, sobretudo das aulas de literatura em colégios variados, mas também das ameaças do governo militar da época, que já tinha cassado o escritor com fama de comunista. Pretendia ainda devorar um bom número de títulos para, então, dedicar-se à própria lite-

ratura. Em poucos dias, já conseguira transformar a promessa num precipitado de experiências. Primeiro foi jornalista, correspondente do *Jornal do Paraná*; na seqüência, aceitou o convite para administrar a editora Beija-Flor, seu primeiro contato com o mercado livreiro do lado de lá dos balcões. A editora durou dois anos e foi a primeira a publicar Cristiano Tezza, vencedor do Jabuti 2008. Mas o sucesso perdura: Werner hoje é sócio da Letras Brasileiras, responsável pela venda em tempo recorde da primeira edição do *best-seller Haowai*, da jornalista Sonia Bridi.

#

A escolha pela experiência, legitimada desde criança, traz vantagens além da vida movimentada: certa sensação aconchegante de solidão, rara convivência pacífica consigo próprio. “Eu me basto” – afirma, convicto. Werner sempre dividiu as pessoas em leões ou tigres; enquanto o leão é gregário, e gosta de reunir os bichos em volta, o tigre é solitário por natureza. Como o escritor, *solitário na natureza*. Não à toa, coleciona aprendizados autodidatas: datilografia, línguas, computador, administração. Na verdade, ri e assume, sabe fazer até mesmo soro ofídico. Quase todos os seus livros nasceram de histórias mastigadas na mais cerrada intimidade durante um ano ou mais. Embora não espere a inspiração, legado do mercado publicitário, gosta de bordejar o enredo antes de partir para a primeira frase. E reescreve, muito, certo da validade do processo: *Apenas um Curumim*, por

exemplo, começou em terceira pessoa, passou para uma conversa entre duas personagens para, por fim, encontrar o fluxo do pensamento. Até a década de oitenta, escrevia todos os dias, tal qual a oração dos religiosos. Hoje, “preguiçoso”, não mais. Na década de 70, lembra, estava entre os cinco principais escritores de literatura infanto-juvenil do país. As distrações da vida borbulhante, porém, logo rearranjaram o foco. Ele nem se importa: credita aos descaminhos o desvio de qualquer literatura sob encomenda, prática comum entre os companheiros de podium. No fim das contas, é bastante satisfeito com o resultado das próprias escolhas: “Me compreendo bem.” E felicidade, afinal, é coisa que nasce de “dentro da gente”.

#

Assim como se aventurar pelas esquinas do mundo, fazer coisas bem feitas é outra característica que carrega desde a infância. No trabalho, reconhece o alto padrão de exigência, mas “não poderia ser diferente”. Em casa, confirma o “olho desgraçado”: mal a faxineira sai e ele já se coloca a alinhar quadros, móveis, tapetes. É a sina das quartas-feiras. Sua noção de ordem, porém, rende alguma polêmica – ele sabe disso. Como viveu dois anos num barco, seu lema é encontrar “tudo à mão” – uma definição deveras suspeita sob o olhar de quase qualquer outra pessoa. “No meio da tempestade, as ferramentas precisam de fácil acesso, não dá para trancar no armário.” Por conta da máxima de marinheiro, casa arrumada rima com praticidade, jamais com decoração. Qual a finalidade da colcha, se vai ser tirada para o sono? Alisar o lençol parece bem mais lógico... Lugar de jogo americano é em cima da mesa, onde será utilizado, jamais na gaveta. Aliás, para que servem as gavetas?

#

Ele nunca fica doente, jamais deitou numa mesa de cirurgia e conserva intactos todos os ossos do corpo, resistentes até mesmo às estripulias do menino inventador. Sua única doença é a malária, adquirida numa das muitas viagens à Amazônia. Também não tem medo da morte, desejando apenas que ocorra sem sofrimento, da maneira que for. Ainda assim, refaz o próprio testamento mensalmente, com o cuidado dos detalhistas. O ritual teve partida num tumultuado vôo de linha sobre a Amazônia, lá de novo, quando o piloto anunciou certa pane no motor. Sozinho, perdeu-se das explicações técnicas, qualquer coisa sobre um defeito no trem de pouso, enquanto uma sugestão cristalizava-se na mente como idéia fixa: os fios soltos que

deixaria para trás, caso o pior acontecesse. Foi apenas falha de diagnóstico da aeronave, mas Werner nunca esqueceu a lição. Desde então é um precativo, mantendo tudo, tudo mesmo, amarrado. “Sou casado pela terceira vez, tenho três filhos e uma editora com cinco sócios, não dá para deixar as coisas frouxas.” Também da experiência, herdou uma lição a que sempre recorre ao empunhar a caneta para atualizar a lista de bens: “A alma humana é insondável, é preciso esperar qualquer coisa de qualquer pessoa.”

#

Além de duas mulheres e um rapaz, Werner tem quatro filhos renegados com a mais cruel teimosia: *Turuna*, *Balão de Cor*, *Ciranda de Parquinhos* e *Elisa*. A turma marca a estréia na literatura, outra ousadia em sua coleção de riscos: ainda na casa dos vinte anos, garantiu à diretora da editora Irmãs Paulinas que conseguiria melhor resultado do que qualquer obra do catálogo. Foi encaminhado à sede por Eusébio Maestri, ilustrador das publicações, com quem dividia o quarto numa república. Conhecia o próprio potencial: menino, cresceu em meio às pilhas de Seleções do mais velho dos seis irmãos, e rodeado pelos livros dos pais. Recebeu ainda incentivo da escola, sobretudo com a atuação de dois professores, entusiastas da literatura brasileira e

“A alma humana é insondável, é preciso esperar qualquer coisa de qualquer pessoa.”

portuguesa. Cursando a faculdade de Letras, já guardava especial carinho por John Steinback, Erico Verissimo, Pablo Neruda e Josué Guimarães – grande injustiçado da ficção nacional, na sua opinião. Ernest Hemingway, claro, é leitura de cabeceira. O próprio catarinense parece guardar certos traços à Hemingway: a paixão pela pesca, a sina de marinheiro, as despedidas e os portos de chegada. Oferecer-se com tamanho atrevimento à freira diretora também não deixa de ser uma atitude digna do escritor americano.

#

*Turuna* foi escrito em uma semana e conta a história de uma catadora de conchas do Nordeste – referência aos catadores de papel, aos montes por toda Curitiba, palco de suas aventuras na época. Quando entregou o material, recebeu metade do valor no ato, com a promessa de embolsar o restante assim que saísse a edição. Vendeu 100.000 exemplares, e cruzou fronteiras – materializou-se, inclusive, pelas mãos de um desinformado vendedor, até mesmo na casa da mãe do escritor, em Rio Negro. No cheque da estréia, a coleção de zeros acumulados era suficiente para pagar um jipe. Werner voltou a pé para a república, porém; sem poder descontar o documento, pelo adiantado da hora, não tinha tostão algum no bolso. Empolgado, entregou logo mais três originais, todos devidamente publicados. O quinto, porém, *Terra dos Meninos Vermelhos*, era quase uma pregação comunista, e morreu inédito. A denúncia por comunismo abreviou as aulas em escolas públicas e as primeiras letras ficcionais. No fim, uma benção: Werner não suporta sequer olhar para os quatro livros de estréia, todos eles maniqueístas, reflexos da juventude da sua visão, ainda obstinada em dividir o

ço de maniqueísmo. Perdeu emprego, virou publicitário, foi preso, assistiu à queima dos próprios livros, trocou de turma, amadureceu algumas idéias, enfim, viveu, e viveu muito. “Aos 60 anos, o foco é salvar pessoas, não mais o mundo.” Descobriu os cinzas, acolheu seus ritos de passagem: certa ocasião, surpreendeu-se com os conselhos de um general, coordenador do quartel onde esteve preso, que lhe indicou para uma boa vaga de emprego; outra, na direção de uma campanha política, desiludiu-se com a própria equipe ao endossar uma denúncia ao adversário, sem checagens precisas. Ao fim da militância, mais uma conclusão que faria tremer o garoto de esquerda: “Os militares de Santa Catarina são pessoas altamente corteses e eficientes.” Então, depois de levantar um bocado de pó das estradas da vida, dez anos após o pontapé inicial, Werner Zotz reencontra-se na escrita, aproveitando a efervescência da literatura infanto-juvenil da década de 70 para levá-la adiante como uma militância. E já não havia mais com o que se preocupar: estava cada vez mais distante da inocência típica dos maniqueístas. ■



mundo em bons e maus, esquecida da graça das nuances. Uma literatura pouco condizente com as suas próprias exigências: em primeiro lugar, entretenimento; em segundo, conceitos éticos, universais. “Não gosto de lição de moral.”

#

As andanças, reais e metafóricas, não demoraram a corroer qualquer tra-

texto | jade martins lenhart  
é jornalista e doutora em Teoria Literária.  
fotos | gill konell

# Vanguarda centenária

UM SÉCULO APÓS SUA MORTE, MACHADO DE ASSIS FIRMA-SE COMO O PRINCIPAL CLÁSSICO DA LITERATURA BRASILEIRA

Raquel Wandelli

Se o escritor Machado de Assis estivesse vivo, certamente aprovaria a reencarnação de sua obra no espaço digital. Não, é claro, sem tornar a existência virtual da nossa época alvo de seu humor refinado e por vezes sinistro, em se tratando de um narrador que já experimentou até o papel de defunto-autor. Dificilmente escaparíamos de ver nossa doideira cibernética representada em algum conto onde o emblema de alienistas seria uma gentileza machadiana para o desvario pós-moderno. O autor do imortal *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, nascido no Morro do Livramento, do Rio de Janeiro, era dado a ousadias, mas cético em relação a novidades e modismos. Na tradição inglesa de séculos anteriores, bem como em seus predecessores, foi buscar o paradoxo novo-velho de sua obra, original em linguagem e procedimento, temática e enredo.

Cem anos após sua morte, esse funcionário público carioca continua dando muito trabalho. A machadadas, um exército de pesquisadores e críticos literários tenta desbravar as camadas de sentido de seus livros, que parecem se multiplicar quanto mais o tempo passa. O número de novas publicações que surgem para enriquecer a fortuna crítica do autor, sobretudo nas cercanias do seu aniversário de morte, desmente o rude e irônico epílogo de um dos mais famosos narradores machadianos, Brás Cubas, insistentemente atribuído ao próprio bruxo do Cosme Velho: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

Machado não é personagem, já alertou o crítico Daniel Pizza, mas o autor em si é um texto e tanto. Em meio à miséria política e econômica do Brasil pós-colonial e à própria miséria em que encontrou o panorama cultural brasileiro, submerso na reprodução dos maneirismos franceses e das fórmulas românticas, inventou a literatura nacional, projetando-a para o mundo. E a humanidade acabou recebendo como legado o trabalho árduo e a genialidade do autor, que, além de romances e contos, escreveu crônicas, ensaios, críticas literárias e de arte, peças de teatro e poesias, além de traduzir significativos autores.

E o fez recusando às pressões críticas para aderir ao naturalismo, na esteira de Émile Zola e Eça de Queiroz, com quem travou batalhas literárias antológicas. O naturalismo entendia a literatura como um retrato e uma denúncia da realidade e pretendia reproduzi-la valendo-se de recursos estilísticos artificialmente programados e franqueados, quando não impostos, a todos os seus adeptos. Machado, ao contrário, perseguia a fluência, a graça e o ardil da fala oral na busca pela aproximação entre a literatura e a vida. Precocemente mostrou consciência do papel de representação da arte. Concebeu narradores inigualáveis que, em vez de conduzir o leitor pela mão, driblam-no ainda hoje, dando-lhe piparotes e desafiando-o a revelar o sentido de suas personagens loucas, sua poética do drama moral e suas metáforas do Brasil Império. ▶

*Todos os contrastes  
estão no homem.*

JASON LIMA E SILVA



*© maior pecado, depois do pecado, é a publicação do pecado.*

# Obra completa estréia em meio eletrônico

No ano de comemoração ao centenário de morte de Machado de Assis, o Ministério da Educação sela uma ação para que a obra do autor brasileiro mais reconhecido no país e no exterior chegue às novas gerações. Em parceria com o Núcleo de Pesquisas em Informática, Linguística e Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, Nupill, o MEC presenteia atuais e futuros leitores de Machado com a edição para CD-Rom e internet mais completa e revisada de sua obra no espaço cibernético. É apenas o primeiro passo de uma ambiciosa parceria que visa à digitalização de todas as referências ao bruxo do Cosme Velho, fundador da Academia Brasileira de Letras.

O resultado de oito meses de trabalho de levantamento bibliográfico, digitalização e revisão da obra completa, elaborado por uma equipe de pesquisadores do Nupill coordenada em Florianópolis pelo professor titular de Literatura Alckmar Luiz dos Santos e pela jornalista e doutora em literatura Deise Freitas, já tem endereço no domínio da UFSC: [www.machadodeassis.ufsc.br](http://www.machadodeassis.ufsc.br). A edição para meio eletrônico abrange o Machado cronista, romancista, contista, poeta, dramaturgo, articulista e ensaísta.

Com a digitalização, estudantes e admiradores ganham acesso fácil e gratuito a uma obra que ajuda a compreender a sociedade brasileira com divertida melancolia e sincera ironia.

GILL KONELL



JORNALISTA E DOUTORA EM LITERATURA DEISE FREITAS

Os críticos machadianos, cada vez mais sem fronteiras, também recebem uma ferramenta contemporânea, importante para desbravar novos nichos de pesquisa sobre uma personagem empenhada em formar o caráter nacional da literatura brasileira, até então atada à tradição portuguesa e à fórmula dos romances indigenistas. A própria gerente do projeto, a jornalista Deise, valeu-se de digitalização e programas de análise textual eletrônico para construir sua tese de doutorado. As ferramentas de busca ajudaram-na, por exemplo, a demonstrar, através da recorrência contínua de vocabulário, a inexistência de maiores abismos, como se acreditava anteriormente, entre a fase romântica da juventude – com *Ressurreição*, *Helena*, *A mão e a luva* e *Iaiá Garcia* – e a chamada fase madura, do realismo cínico inaugurado com os maus heróis de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*. “Percebo mais um amadurecimento do que uma ruptura”, defende.

No rastro do lançamento, ainda sem data marcada, virá uma estrutura poderosa de divulgação. E é esta possibilidade que anima o pesquisador da UFSC: “Vai fazer uma diferença grande no acesso ao conhecimento da obra de Machado”, avalia Alckmar. Os agentes do Governo Federal procuraram o núcleo de pesquisa catarinense por conta do trabalho de digitalização, realizado ao longo dos últimos 15 anos, com autores brasileiros e portugueses cujas obras já são de domínio público – do quinhentismo ao modernismo. Funcionando desde 1996, a biblioteca virtual, com 536 títulos e um banco com informações sobre 62.916 obras e 15.927 autores, com acesso gratuito no site [www.nupill.org.br](http://www.nupill.org.br), já é fonte recorrente para profissionais e vestibulandos.

Leve, embora densa e recheada de inesperadas camadas de interpretação, com textos não muito longos, mesmo os do gênero romance, em geral blocados em capítulos bem curtos, a obra de Machado é propícia à ressurreição em

meio eletrônico. Estudiosos de área, inclusive, estão se debruçando sobre o caráter hipertextual da literatura machadiana, que parece antecipar vários procedimentos explorados hoje pela ciberficção. As digressões, citações a outras obras; a consciência da materialidade do aparato da escrita, dialogando com Laurence Sterne; a referência ao procedimento da narrativa, de modo a retirá-lo do apagamento da ilusão realista, além do convite à participação mais ativa do leitor, provocando-o em comentários metaficcional, prefigurariam de alguma forma a narrativa multilinear e interativa da internet. Mas a característica que melhor atesta o caráter hipertextual do legado machadiano é, para Deise, a radicalização do sentido de intertextualidade, redefinida a partir do intenso diálogo com os autores

de sua época e seus antecessores. “A transferência para o meio eletrônico ajuda a enfatizar esse aspecto fundamental”, destaca a pesquisadora. Adepto não só das citações da obra alheia, mas mestre dos pastiches, paródias, alusões e transformações menos explícitas, como o hábito de se apropriar de citações e propositalmente deturpá-las, Machado fez de suas histórias um campo para a entregosa literária, para a afirmação e

recusa de movimentos e discussões estéticas fundadoras de tradições. Aqui, o momento de maior maturidade está no conto *O medalhão*, em que o autor leva à mesa, com graça inigualável, suas armas contra o naturalismo.

Concluída a digitalização, a equipe já pensa num desdobramento do projeto que possibilite o *link* direto à obra, biografia e análise de todos os autores que conversam com Machado, como Shakespeare, Laurence Sterne, Stendhal, Cervantes, Racine, Erasmo, Burton. A mesma base de texto pode *linkar* à iconografia do Rio de Janeiro, cenário do mulato escritor, com seus escravos alforriados, *bons vivants*, damas desocupadas, políticos duvidosos e loucos filósofos. Pode trazer ainda a análise pontual de sua obra, bem como as



PROFESSOR TITULAR DE LITERATURA ALCKMAR LUIZ DOS SANTOS

questões políticas, econômicas e sociais do Brasil de sua época. A biografia e as críticas mais significativas à sua obra já estão no CD.

A convite dos pesquisadores, outros dois núcleos de digitalização de obras literárias se somaram ao empreendimento, provenientes da Universidade Federal do Piauí, coordenado pelo professor Saulo Brandão, e da Universidade Estadual de Londrina, dirigido por Almir Aquino Correa. Juntos mantiveram dez revisores, mas no final do trabalho um total de 20 pessoas do Nupill aderiu voluntariamente à operação Machado.

Prefaciada pelo professor João Hernesto Weber, especialista na obra machadiana, a edição eletrônica tem 246 títulos e se ateu ao universo produzido pelo autor com a intenção de publicar. Na apresentação, Alckmar explica que a grafia foi atualizada, mas mantida quando a mudança ortográfica pudesse trazer prejuízo à rima (como é o caso de “cousa”, forma mantida, em vez da atual, “coisa”). A equipe optou também por conservar a maneira muito peculiar como o escritor utiliza a pontuação e as orações intercaladas por travessão. Manteve especialmente sua forma de empregar a vírgula, não apenas como elemento de ênfase sintática, mas para conceder ao texto consistência sobretudo rítmica e sonora. Com o mesmo cuidado utilizado no tratamento da linguagem, o CD-Rom apresenta também ilustrações, elaborando um planejamento gráfico minucioso. Tudo para agradar o paladar do refinado e elegante escritor, afastando suas notórias ironias. ▶

*Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto.*

DEBRUÇADO SOBRE OS PORMENORES DO TEMA, PROFESSOR JOÃO HERNESTO WEBER DEFENDE A IMPORTÂNCIA DO AUTOR PARA A COMPREENSÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA

## Com os olhos voltados para Machado

Ele apresenta certo ar machadiano, por conta da barba alongada e do olhar astuto que se ergue detrás dos óculos arredondados. Parece ter incorporado a irreverente timidez do narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* no jeito desconfiado de virar-se de lado e analisar mudamente o que lhe dão pelos ouvidos antes de emitir um comentário, em geral ácido e inteligente. A saga de Brás Cubas é visivelmente sua obra preferida de Machado, na qual reconhece a elaboração de uma crítica disfarçada e graciosa, mas não menos virulenta, à casta de herdeiros ociosos, indecisos e moralmente débeis que dominou um Brasil Império sem rumos, injusto e desigual.

Mas o humor e a ironia refinados — microfones que deram voz ao talentosíssimo mulato em uma sociedade ainda escravocrata — são apenas afinidades entre o pesquisador João Hernesto Weber e o autor sobre o qual se debruça há pelo menos duas décadas com o distanciamento e o entusiasmo necessários. Gaúcho, formado pela URGs e professor do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, Weber não é seduzido pelas semelhanças entre criador e criatura, nem pelas tendências psicologizantes a relacionar biografia e obra. Seu interesse por Machado de Assis é movido pela necessidade de compreender o próprio país e o povo brasileiro. Na esteira assumida dos críticos literários Antonio Candido e Roberto Schwarz, sua análise histórica e sociológica persegue na obra urbana do escritor carioca não apenas a formação da literatura brasileira como as travessias e os descaminhos do próprio Brasil.

Tal escolha teórica já está estruturada em *A Nação e o Paraíso*, concluída em 1994 como resultado da tese de doutoramento em Literatura Brasileira, lançada em 1997 pela EdUFSC. Na pesquisa, analisa a formação de um discurso constituidor da nacionalidade na historiografia literária (Silvio Romero, Nelson Werneck Sodrê, Afrânio Coutinho, Antonio Candido e o próprio Machado) e na literatura (da tradição do romance indigenista ao romance urbano e ao regionalista). Antes, em 1977, publicou *Do modernismo à nova narrativa e Caminhos do romance brasileiro*, em 1990.

Weber enaltece Machado como o principal operário dessa “literatura empenhada”, expressão cunhada por Candido para definir os autores dedicados à formação e à diferenciação do cânone brasileiro. Para o pesquisador, cabe ao escritor carioca o mérito de ter libertado, na fase realista de sua obra, a literatura brasileira da condição de colônia portuguesa, dando-lhe identidade própria.

**O Catarina | Quem é João Hernesto Weber e por que chegou a Machado de Assis?**

**João Hernesto Weber |** Eu venho do Rio Grande do Sul, de uma escola alemã, onde a questão da tradição é muito forte. Até o Machado apresentava restrições em relação ao Estado: o charque, o chimarrão, o chá-mate ou coisa parecida. Venho de uma província, vamos dizer assim, meio irredentista. E venho também de uma tradição de imigrantes. Acho que o Machado permite à periferia do próprio Brasil tentar entender o país, por isso é um autor fundamental. Quanto à questão do duplo, Machado chegou a um momento em que precisou encontrar caminhos alternativos à tradição existente no Brasil, da qual ele era laudatário, do romance folhetim de origem francesa. No momento histórico de crise do país, ele teria outra alternativa à seguida pelos demais, que era a tradição francesa em sua renovação no Brasil. Mas em vez de ser uma espécie de novo Eça de Queiroz, procura seu caminho em uma tradição anglo-saxônica no romance. E, no conto, principalmente, essa questão do duplo como sócia, da fratura do indivíduo, é muito forte numa tradição mais nórdica, originária de Shakespeare. Não por acaso em quase todas as obras ele cita o dramaturgo. Passa por Hoffmann, na Alemanha, e vai até os russos, como Gogol, por exemplo, explorando a questão do sócia, uma questão de identidade pessoal, mas também de identidade nacional, afinal quem somos nós se não tivermos um espelho onde nos olharmos? E daí surge seu famoso conto, *O Espelho*.

**OC | Mesmo no século XXI, Machado continua original. Como explicar a permanência?**

**Weber |** Há vários fatores. Ele é um desses grandes autores que conseguiram achar uma saída, uma alternativa de dentro de um país periférico, vamos dizer assim, uma alternativa formal capaz de representar mais ou menos a questão em jogo no período, o século XIX. Também é uma questão nossa, no sentido da formação brasileira. Se a gente pensar o que foi o Brasil, o que era o Brasil, na época do escritor, de certa forma muitas das questões se colocam hoje ainda. Ele teve a sorte, ou o infortúnio, de viver num período em que tudo se colocou de forma extremamente crucial, a passagem da monarquia à república, a passagem da escravidão ao trabalho formalmente livre. Acho que não dá para entender o Brasil, no caso a literatura vinculada à história, sem passar por Machado de Assis. A gente pode ir por outros caminhos hoje, é evidente, mas até os anos 70 a literatura cumpria um papel agora periclitante à historiografia, à sociologia e à

economia. Machado foi fundamental para a compreensão do país não apenas em relação às macro políticas, mas também à minimalização até das relações sociais dentro de casa que, ao mesmo tempo, representavam as relações da sociedade brasileira da época.

**OC | Na sua opinião, ele é mesmo o principal escritor brasileiro?**

**Weber |** Acredito que sim. Machado achou uma saída formal em termos especificamente literários, sobretudo se considerarmos a formação dele como jornalista, começando pela poesia, tentando o teatro, chegando à crônica, fundamental para ele, e por fim ao romance e ao conto. Foi uma espécie de polígrafo que abraçou todos os gêneros literários da época tentando visualizar o país da época. Nesse sentido, acho que ele fica. Vários tentaram encontrar uma saída, mas ele conseguiu uma alternativa para as formas importadas, os modelos formais da França, representando com esses modelos um país escravista. E ele conseguiu minimamente isso.

**OC | E qual seria o livro fundamental de Machado?**

**Weber |** Sem dúvida, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ele começa com os quatro romances iniciais (*Ressurreição, A mão e a luva, Helena e Iaiá Garcia*), apresentando um salto já do primeiro em relação aos outros ao começar a falar da assimetria social existente entre os pobres, que não eram escravos, os homens livres, vamos dizer assim, independentes, e a classe dominante da época — as relações de favor. Via isto, ainda, com bons olhos. Porém, quando o regime entra em crise, ele dá um salto também, um salto ideológico, no sentido de observar o regime de cima para baixo, colocando-se no papel de alguém da classe dominante. Se ele continuasse estudando aquelas meninas, a Guiomar, a Helena, precisaria se reproduzir eternamente, ou então partir para o modelo francês realista. Num artigo, inclusive, ele próprio condena esse tipo de saída do realismo ambientado no naturalismo francês. De repente, então, ele aparece, após uma de suas poucas ausências do Rio de Janeiro, para se curar de uma doença, e volta com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ali, apresentava outro modelo formal, estético e ao mesmo tempo ideológico, de crítica à própria classe dominante brasileira.

**OC | Sua literatura apresenta fases diferentes?**

**Weber |** Não dá para separar muito isso. É um processo que vai num crescendo, mas de repente parece que ele se dá conta disso, que não tem, vamos dizer assim, saída. Então, ele dá um salto. Mas

é possível pinçar na obra inicial momentos em que ele acena para a “segunda fase”; na segunda fase a gente percebe também elementos que estão na dita primeira fase. Nesse sentido é um processo, mas há um corte neste processo.

**OC | É possível afirmar que a obra de Machado não é homogênea?**

**Weber |** Eu acho que não é homogênea se a gente considerar os diversos gêneros. Ele foi acima de tudo um autor dedicado, não à poesia, embora tentasse, não ao teatro, embora tentasse — ali foi o processo de ascensão social dele via jornalismo, escrevendo poemas, colocando-se como autor, escrevendo algumas peças teatrais. Mas ele foi, acima de tudo, um prosador — e daí eu não descarto o conto. O conto é essencial. Quer dizer, o romance, o conto e a crônica. Eu acho que a poesia deixa a desejar: é extremamente narrativa, segue padrões anteriores à sua própria época. Ele chega a escrever um livro de poemas indianistas, norte-americanos, muito aquém do Gonçalves Dias. Agora, como romancista, como contista e como cronista ele é insuperável. Aquelas crônicas do final do século são extraordinárias, no sentido da percepção da mudança histórica da monarquia à república, do trabalho escravo ao trabalho livre.

**OC | O cinismo comum à fase realista traduz de fato a alma do brasileiro da época?**

**Weber |** Na verdade, tivemos três grandes momentos de tensão histórica no país. É justamente quando surgem as grandes obras: o final do século XIX, em torno dos anos 30, em torno dos anos 50. Acho que Machado era um emparedado entre as relações de favores existentes no Segundo Império, não querendo também aderir explicitamente aos valores republicanos, embora fosse um liberal na

juventude. É um sujeito constantemente sobre o fio da navalha, para quem a forma de salvaguarda, e de possibilidade crítica, acabou sendo a ironia, o humor de tradição inglesa. Nós tivemos outros autores que tomaram outros caminhos, como Lima Barreto, considerado o maior escritor e tudo o mais, mas que foi justamente alijado do próprio processo. Machado era um funcionário exemplar, que fundou a Academia Brasileira de Letras e, por outro lado, deu-lhe as costas, embora indiretamente. *Memórias Póstumas*, por exemplo, pode ser lido como uma brincadeira, de certa forma, se o leitor não pegar a outra camada, da crítica social, que faz dele um dos livros mais violentos da literatura brasileira, sem ser panfletário, sem ser engajado politicamente.

**OC | Você e seus críticos, como Schwarz, Candido, Callado, sustentam a tese de que Machado se empenhou na formação de uma literatura com identidade nacional. Ele tinha consciência de que as identidades nacionais são construídas pela literatura?**

**Weber |** Não digo só em relação a Machado. Depois da independência política, havia um empenho dos escritores brasileiros em construir uma literatura brasileira que era uma forma também de construir a nação, de tentar dar uma identidade à nação. Machado tem um ensaio fundamental chamado *Instinto de nacionalidade*, em que ele mapeia tudo o que havia na época, em termos de literatura brasileira. Aponta, principalmente, o que está faltando para essa literatura. Ele afirma, por exemplo, a inexistência local de romances de análise de caracteres, hoje conhecidos como romance de introspecção psicológica. Depois ele vai fazer esse tipo de romance. Diz também que o conto praticamente não existia; então vai escrever contos, mais de 200. Assim, tenta preencher as lacunas apontadas. Com isso, vai fazendo literatura brasileira e fazendo Brasil. Mas com uma coisa muito importante, que deve ser frisada: não é nacionalismo romântico,

## Essa aspiração pela formação é uma larga e longa tradição do Brasil que se preocupa em saber: que país é este?

mas um diálogo com os predecessores, com a tradição ocidental. Cria, nesse sentido, uma literatura brasileira, atrelada ainda, na época, a dados superficiais da natureza e do indígena, e não a dados dos caracteres ou do confronto do jogo social, político etc. Praticamente não existe descrição nas narrativas do Machado no momento em que a narrativa brasileira era essencialmente descritiva, querendo mostrar a natureza local, o abacaxi, a banana, como eu brinco com os alunos. Machado não tem isso, praticamente. Para ele, nós não temos o instinto de nacionalidade: não temos estudos históricos, nem políticos, nem sobre filosofia, nem sobre a formação nacional. Quem cumpria este papel era a literatura. Os outros estudos começam nos anos 30, com Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., que tentam discutir os entraves em relação à formação da nação. Depois, temos Antonio Candido, com a *Formação da Literatura Brasileira*. Se for olhar, por exemplo, um Celso Furtado, ele vai estudar por que a nação não se formou. Essa aspiração pela formação é uma larga e longa tradição do Brasil que se preocupa em saber: que país é este?

**OC | Novos críticos estrangeiros estão sempre descobrindo a obra de Machado. Sua obra ainda vai merecer a importância recebida em nível internacional?**

**Weber |** Acho que a passagem do Machado hoje no exterior se dá nas academias, inclusive para os brasilianistas entenderem um pouco do Brasil. Uma coisa é Paulo Coelho, como indústria cultural, e outra é Machado de Assis, que vai ser estudado muito nos departamentos, nas universidades, como um dos clássicos. Também é uma questão de lingüística e de periferia. O português é estudado normalmente nas universidades dentro dos departamentos de língua hispânica, que formam um nicho. Temos, é claro, grandes críticos estrangeiros estudando Machado de Assis e há uma circulação de sua obra, só que não é uma circulação de grande mercado. Antonio Candido falava do azar de Machado pelo português não ser uma língua universal...

**OC | Quais críticos brasileiros apresentam obras importantes sobre a literatura de Machado de Assis?**

**Weber |** A partir do momento em que Machado se coloca como escritor, cria

também toda uma tradição crítica a seu respeito. Na sua época, contou com um crítico ferrenho, Sílvio Romero, que o chamava para o lado das idéias novas, do modernismo do século XIX, justamente o mais criticado por Machado, pois era imbuído de positivismo. Por outro lado, José Veríssimo louva a sua obra. Nos anos 30, Lúcia Miguel Pereira tenta explicar a literatura a partir da vida do autor. Nos anos 50 há uma efervescência. Até então ele era considerado uma espécie de autor absenteísta, meio isolado, fora da sociedade. Temos também uma obra do Astrogildo Pereira que vai mostrar o Machado de Assis como um escritor do Segundo Reinado. Depois, teríamos ainda Raimundo Faoro, com um trabalho fundamental sobre a obra de Machado, Antonio Candido e Roberto Schwarz, que, do meu ponto de vista histórico e social, compõem um grande momento. Machado, na verdade, está na pauta da crítica desde o seu surgimento.

**OC | Machado já utilizava, de alguma forma, recursos hipertextuais em seu trabalho?**

**Weber |** Ele tinha uma consciência literária muito grande. Aos 20 anos já se indagava sobre o jornal superando o livro como meio democrático. Evidentemente não pensava em hipertextos, ao menos não como os instrumentos técnicos à disposição hoje. Mas seus recursos de intertextualidade também são tecnologias na medida em que lia seus predecessores e criava a partir deles. Falam em palimpsesto, o texto que você raspa para ler o que está atrás. Não era uma prática materialmente explicitada através de um PC.

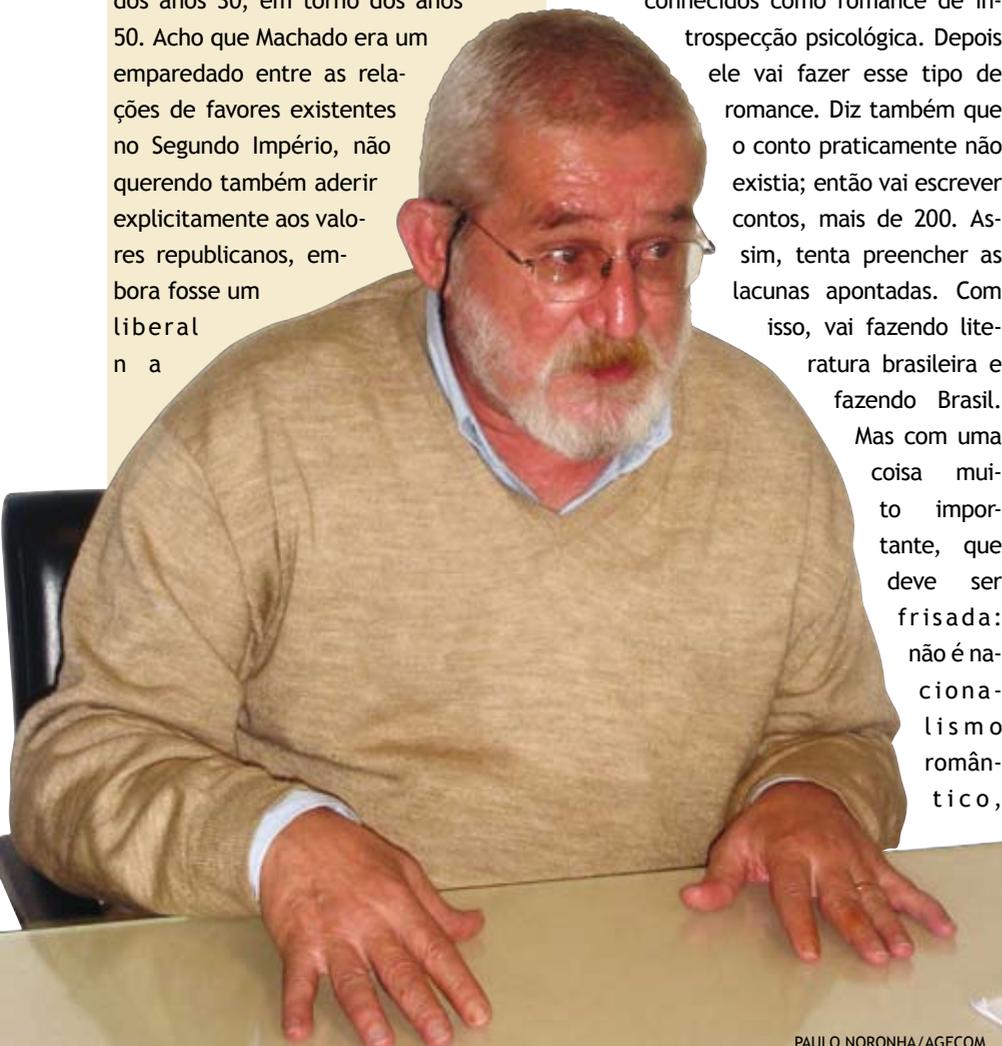
**OC | As universidades estão cumprindo o papel de recuperar os grandes escritores?**

**Weber |** Eu coloco isso em dúvida. Muitas vezes os autores do momento são aplicados como um purgativo de última hora, sem estudo. Não que não se possa selecionar um francês que chega no Brasil via Estados Unidos, que não se possa lê-lo ou debatê-lo; muitas vezes, porém, a entrada acontece por esquecimento de toda uma tradição crítica no país, desde Sílvio Romero até Machado de Assis. ■

**texto |** raquel wandelli  
é jornalista e professora da Unisul.

**fotos |** gill konell e paulo noronha

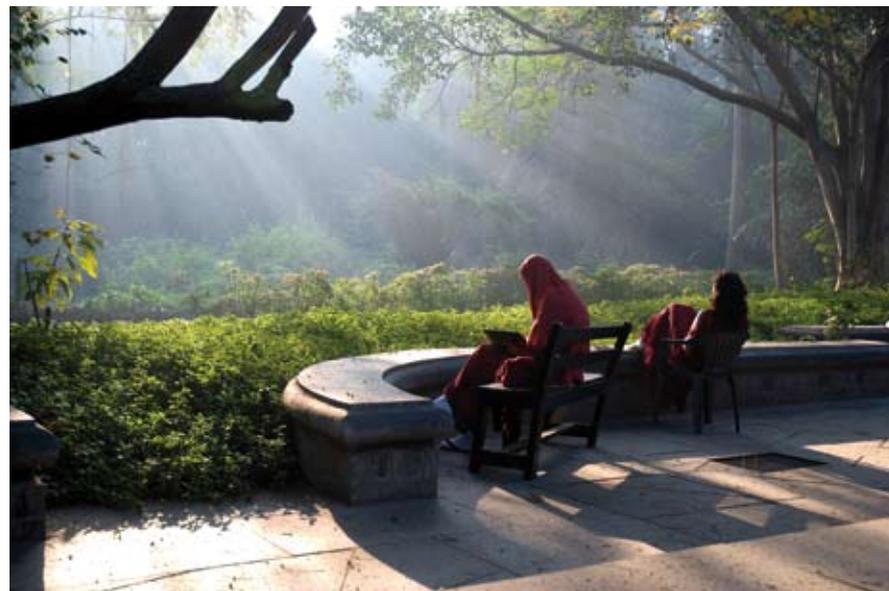
**ilustração |** jason lima e silva



PAULO NORONHA/AGECOM



CELEBRAÇÃO DA MORTE



MEDITANDO



A CAMINHO DO TEMPLO

# Índia: travessias numa estrada milenar

FOTOGRAFIAS INÉDITAS DE PEDRO ALÍPIO APRESENTAM DETALHES DA RIQUEZA ORIENTAL

*Viajar pela Índia é antes de tudo uma experiência sensorial. Magnética. Se alguém não se prepara, descondicionando-se dos valores da sua cultura de origem, terá um choque nunca experimentado, rejeitando-a. A começar pelo tempo. Na Índia o tempo não parece ser algo coletivo, senso comum. Cada indiano tem um relógio próprio. As coisas parecem nunca terminarem, nem começarem.*

*O novo está lá. As tradições também. Através do pensamento, discer-*

*nimento, dificilmente se compreende aquele país. Muito se escreveu e se estudou sobre ele, no entanto se é tocado profundamente quando o coração está aberto para vivenciar toda sua complexidade existencial.*

*Na tradição cultural, a Índia possui 78 formas de arte e todas eram ensinadas nas escolas. Uma delas é roubar, sem agredir ou machucar a vítima. É muito difícil fazer qualquer negócio com indianos. A diferença entre a ge-*

*nerosidade e a ganância é subliminar. Os valores ocidentais, aos quais estamos acostumados, geralmente não funcionam por lá.*

*Impressiona, no entanto, a cultura milenar: está lá, presente em cada rosto, em cada olhar. Os indianos adoram cantar, dançar, filosofar, e o fazem em toda extensão de sua história cultural.*

*Pessoas de todos os países vão para Índia apreender, conhecer. Pessoal-*

*mente, me envolvi com o aprendizado do work meditation. Usei a fotografia para, através do visor da câmera, meditar sobre o que via, sentia, experienciava. Busquei rostos com olhares capazes de expressar a alma com que vivem e experimentam o seu universo particular. Como todo mundo que passa por lá, aprendi muito. ■*

■ texto e fotos | pedro alípio é promotor cultural.



BOMBAIM, GREVE POR FALTA DE ÁGUA



PRYANKA, ARQUITETA INDIANA



TEMPO INDIANO



BABA MENDIGO



BABA MENDIGO



COMÉRCIO DIVERSIFICADO



MENINA INDIANA DE RUA

# Tempo do presente eterno

VENCEDOR DO JABUTI E DO PORTUGAL TELECOM, ACLAMADO PELA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DOS CRÍTICOS DE ARTE, ROMANCE DO CATARINENSE CRISTOVÃO TEZZA EXPÕE OS OBSTÁCULOS NA ACEITAÇÃO DA DIFERENÇA

“O tempo presente e o tempo passado  
Estão ambos talvez presentes no tempo futuro  
E o tempo futuro contido no tempo passado.  
Se todo tempo é eternamente presente  
Todo tempo é irredimível.”



## André Cechinel

*Tempo eternamente presente e irredimível.* Nos célebres *Quatro Quartetos*, de T.S. Eliot, o tema do tempo é introduzido a partir de uma busca pela “verdade universal”, ou seja, o tempo eternamente presente e irredimível significa, também, o tempo da aprendizagem através da experiência. Para o poeta, somente quando assumimos a nossa ignorância com lucidez podemos tocar o que nos transcende, e nesse instante todos os tempos se fundem em um eterno presente. Ora, admitida a submissão maior diante da verdade da vida, o tempo irredimível já não nos angustia mais – “devemos estar imóveis e contudo mover-nos/rumo à outra intensidade”, ele nos diz, uma vez mais. Todos os paradoxos se resolvem, todos os tempos convergem.

Retirado de sua atmosfera transcendental, o tempo presente de Eliot torna-se irremediavelmente um tempo tirano, irredimível ainda, embora em outro sentido. É desse tempo duro, eternamente presente, porém não transcendente, que o escritor Cristovão Tezza nos fala em *O Filho Eterno*, grande vencedor do prêmio Jabuti de 2008 na categoria romance. Em linhas gerais, o livro aborda os sentimentos de um jovem de 28 anos que, por conta de “uma soma errática de acasos e escolhas”, tal como pontua o narrador/personagem, percebe-se na difícil tarefa de criar seu primeiro filho, Felipe, portador da síndrome de Down. O título do romance advém justamente de uma das maiores dificuldades da criança – e, por conseqüência, de seu pai: Felipe parece não conseguir movimentar-se no tempo, ou melhor, aparenta viver em um eterno presente, “como se cada instante da vida suprimisse o instante anterior”. As complicações resultantes desse constante retorno são várias, conforme se pode prontamente imaginar: os gestos de Felipe, bem como suas intenções, apresentam uma circularidade por ve-

zes cansativa, como “um disco riscado que não sai de sua curva”, compreendida pelo pai como mera teimosia, legitimada sob o pretexto da síndrome. Em suma, Felipe aprende por repetição, e avança em direção ao desejo de “normalidade” do pai de modo tímido.

Com efeito, a sensação de distância entre pai e filho é assinalada exatamente pelo ressentimento do primeiro, que aposta suas fichas inclusive na possibilidade da morte precoce de Felipe: “por que se preocupar? Refugiado na verdade cristalina de que seu filho não viveria muito – era apenas uma espécie de provação que Deus, se existisse, teria colocado na sua vida para testar a tempera de sua alma, como fez a Jó – o mundo parece que se reorganizou inteiro”. A rigor, o desgosto do pai é acentuado pelo fato de que Felipe parece se comunicar com o mundo em uma linguagem absolutamente estrangeira, afastando-se, pois, da discrição exigida pelo desejo de “normalidade” – comemora apaixonadamente a conquista do quarto lugar na competição de natação (“Olhe! Olhe! Sou Campeão!”), além de se demonstrar incapaz de responder de modo eficiente aos exercícios simples exigidos pela fonoaudióloga. Para o pai, enfim, o mundo que Felipe vê não é o nosso; “trata-se de um jogo, ou, antes ainda, trata-se da encenação de um jogo”. Ou seja, o filho só consegue vivenciar o mundo de modo teatral – em suas aulas de música, comporta-se como o maior dos compositores, apesar de não saber tocar absolutamente nada.

Curiosamente, a aproximação gradativa entre os dois dá-se precisamente no momento em que o pai passa a compreender a teatralidade do comportamento do filho. Em outras palavras, Felipe simula seus próprios gestos dependendo do contexto, compreende a dramaticidade de cada episódio que presencia, muito embora seu conteúdo imediato – aquele despido de performance – muitas vezes

lhe permaneça inacessível. A fala do filho, em seu eterno presente, está sempre sujeita a um desejo teatral, isto é, produz-se no exato momento da enunciação: “– Tenho uma namorada. [...] – Hum... o nome dela é Juliana. Nós vamos casar. – Parece de súbito a descoberta de um plano secreto: – Isso! Vamos casar! – Ele se entusiasma: – Vamos pegar um avião! Vamos para a Alemanha!”. Nas mãos de Felipe tudo é capaz de virar brinquedo, tudo pode ser manipulável, pois é a dimensão do jogo aquela que melhor compreende, a que parece mais lhe interessar – não por acaso, apesar de sua dificuldade para memorizar as informações, Felipe pode reconhecer a maior parte dos nomes dos clubes de futebol da Série A do Campeonato Brasileiro. A circularidade do tempo presente do filho encontra no calendário repetitivo do futebol um álibi, pondera o pai. Ali os jogos se encontram.

Para T.S. Eliot, poeta aludido de modo obsessivo ao longo de *O Filho Eterno*, a potência da memória está, na realidade, em seu poder de liberação, e não em sua capacidade acumulativa: “Este é o uso da memória: /Para liberação – não menos amor, mas expansão/De amor além do desejo, e logo liberação – Do futuro bem como do passado”. A bem da verdade, essa é, de fato, a principal conquista de Felipe e sua família, isto é, a superação da vontade inicial de “normalidade”, substituída ao longo da história por um amor situado para além de qualquer desejo. Essa tarefa não é fácil, e decorre disso a linguagem dura e direta do romance. Ainda assim, encarado como jogo, o eterno presente do filho, da família, equipara-se a uma partida de futebol, na qual, como nos diz o narrador, ninguém “tem a mínima idéia de como vai acabar, e isso é muito bom”. ■

texto | andré cechinel  
é doutorando em Literatura pela UFSC.  
fotos | ana tezza

# A cola

Para  
Osmard Andrade Faria.  
Médico, estudioso, escritor e amigo.

## Júlio de Queiroz

Na sala de aula, entre os vinte e poucos colegas de sua turma do último ano da Faculdade de Medicina, Oto espantou-se com o lido no quadro negro. O professor de Clínica Médica acabara de escrever as três matérias do ponto sorteado para o terceiro e último exame anual.

– Esta matéria o senhor nunca deu! – gritou um dos estudantes mais afoitos.

– Nunca, nunca! – repetiram os outros.

Professor Maciel, magro e comprido, bigode bem aparado, gestos felinos, em muitos anos de atividade didática tinha conseguido a glória de ser admirado por seus brilhantes conhecimentos médicos e, ao mesmo tempo, antipatizado por todas as turmas que tinham passado por um tiranete de classe.

– O ponto foi sorteado. As matérias de todos os pontos – silabou – foram entregues na secretaria há mais de duas semanas. Só não tomou conhecimento delas quem não quis.

Os alunos dedicaram-se às duas primeiras matérias, redigindo o que sabiam. Os minutos escoavam-se.

Quando chegou a hora de atacar a terceira questão, o professor declarou que iria até a secretaria, um andar abaixo da sala de aula.

Para chegar até a escola Oto enfrentava dois ônibus desde o subúrbio distante em que vivia com sua mãe, viúva por força do destino; costureira, pela pobreza.

No intervalo para o almoço, Oto trancava-se numa das privadas e comia o sanduíche preparado na noite anterior. Um bebedouro da escola lhe dava o equivalente dos refrescos que seus colegas estariam bebendo.

À noite, trabalhava até tarde, revisando todas as matérias do *Diário Horizontal*, o principal diário da cidade.

Formado, o garantido emprego como médico lhe daria segurança financeira e o descansar de sua mãe.

A vocação para médico vinha da infância. Menininho ainda, diagnosticava doenças e curas de Tupi, seu vira-latas de estimação e, depois, companheiro constante de sua mãe, tão despojada de mimos e lazes. Sua atividade clínica infantil tinha sido observada pela esposa de um médico enquanto provava um vestido na saleta modesta.

A esposa do médico relatara ao marido o visto na casa da costureira. Este quis conhecer o garoto. Pas-



sou a acompanhar os estudos secundários de Oto, e a dirigir seu preparo para o vestibular de medicina. Entretanto, o padrinho da vocação morrerá antes de ver seu protegido formado.

Contemplando o vazio do teto, sua saga pessoal desanimou Oto.

Sem a terceira matéria do ponto, todo o futuro esboroava-se. No desespero comportado, Oto lembrou-se do médico seu protetor. Num ímpeto, pediu-lhe desculpas por não ter correspondido a tantos atos de apoio bondoso.

Para espanto dos colegas e sem saber o que fazia, começou a escrever. A caneta corria na folha de papel almaço, enchendo linha após linha.

A sineta de fim de aula retiniu. O professor Maciel voltou à sala e recolheu as provas, um sorrisinho malicioso a enfeitar os lábios finos.

Sob uma saraivada de recriminações dos colegas por não lhes ter dado ajuda, Oto foi para casa. Mais

de uma hora depois, em seu quartinho, estranhou algo fora da arrumação costumeira.

Foi à cozinha, onde sua mãe se ocupava com a sopa noturna.

– Mãe, a senhora esteve hoje no meu quarto?

– Não, Oto. Ninguém esteve aqui hoje.

Oto voltou para seu quartinho. O que vira na mesa de estudos, encaixada na estante com seus livros de Medicina, o fez sorrir, agradecido.

O grosso volume intitulado *Clínica Médica* tinha resvalado da estante e estava aberto na Classificação dos Tipos de Icterícia, a por todos ignorada terceira matéria da prova, e lhe garantido o único dez de toda a vida didática do professor Maciel. ■

■ texto | júlio de queiroz

é escritor e ocupa a Cadeira 10 da Academia Catarinense de Letras.

ilustração | jandira lorenz

é artista plástica.

# Evola

**Inês Mafra**

Matéria, magneto, magnetismo  
universos sutis  
A matéria perdendo densidade  
A linha tênue de universos paralelos  
abrindo portais ao sonho

Cores, espirais, espiralado  
O sem-forma dançando com mortais  
por entre esquivos celestiais

Diáfanas nuvens  
Flui, reflui, sem afagos  
A fotografia vã de um desejo ■

■ poema | inês mafra  
é escritora.

foto | danísio silva  
é fotógrafo.



SEMIÓTICA CURATORIAL TEM CURADORIA DE JAYRO SCHMIDT E PROPÕE IMAGENS À INVENTIVIDADE DOS POETAS. ELAS, PORTANTO, NÃO ILUSTRAM OS POEMAS: SÃO OS POEMAS QUE SE REFEREM ÀS IMAGENS E SÃO ESCRITOS INSTANTANEAMENTE.